

Crise econômica chega ao divã dos psicanalistas

Brasileiro se assusta com a perspectiva de volta da inflação e teme ficar pobre

Roberto Machado

• Desvalorização, recessão, inflação. Nos últimos meses, o vocabulário da crise tornou-se mais presente no cotidiano das pessoas. No país em que todo mundo é técnico de futebol, na última década, depois de sucessivos planos econômicos, cada brasileiro transformou-se também num ministro da Fazenda em potencial. E nenhuma nova medida econômica do Governo passa sem dividir as opiniões. O assunto desperta polêmicas, ronda as mesas de bar e já chegou ao divã dos analistas. Nele, as pessoas, assustadas, revelam o quanto temem o novo cenário econômico do país e as suas consequências sobre uma das partes mais sensíveis do corpo humano: o bolso.

O psicanalista Alberto Goldin afirma que nas últimas semanas seus analisandos estão manifestando uma grande inquietude em relação aos destinos da economia brasileira e, por tabela, a seus próprios destinos:

— A globalização fez do Brasil parte da comunidade internacional. E a crise cambial, além de frequentar o noticiário do mundo inteiro, entrou no cotidiano do brasileiro. Há um sentimento de profunda decepção.

Goldin acrescenta que os cinco anos de estabilidade econômica não foram suficientes para reverter a memória de inflação alta e crise econômica crônica:

— As pessoas estão pressentindo que algo mais grave pode acontecer no futuro próximo. Há também um grande temor em relação à volta da inflação e uma perda de renda

generalizada — afirma Goldin.

O psicanalista carioca Leandro Chaves afirma que a desvalorização da moeda atinge em cheio o imaginário coletivo do brasileiro:

— Dinheiro é um emblema de poder, que tem profundas implicações psicológicas. De alguma forma, o país do real forte acabou e as pessoas precisam aprender a conviver com as limitações do país.

Chaves diz também que as pessoas se sentem ameaçadas diante da crise e que isso reflete imediatamente no divã:

— As pessoas têm medo de ficar mais pobres e começam a cortar gastos. Nesse sentido nós também sofremos com a crise, já que a psicanálise é um dos primeiros gastos que as pessoas cortam.

Ele lembra ainda que a inflação crônica que o país viveu, a partir do início dos anos 80, passou a ser um elemento do comportamento social do brasileiro, que passou a conviver naturalmente com mecanismos de indexação.

A psicanalista Maria Corrêa de Oliveira, mestrande da Pontífice Universidade Católica (PUC), lembra o fato de que a psicanálise exige um tratamento longo e requer do analista habilidade e jogo de cintura para enfrentar momentos de turbulência.

— Em momentos de diminuição do poder aquisitivo, o psicanalista precisa ser mais flexível. Entender as angústias do analisado, que começa a trazer novas questões, relacionadas à situação econômica do país e dele mesmo. Do ponto de vista financeiro, é importante buscar alternativas.